

Entre resíduos e esperança: uma análise das contribuições do filme Wall-E para a educação ambiental

Between waste and hope: an analysis of the contributions of the film Wall-E to environmental education

Entre residuos y esperanza: un análisis de las contribuciones de la película Wall-E para la educación ambiental

Edvan de Souza BISPO¹
Aline Ramos Soares BEZERRA²

Submetido em: 13/03/2026

Aceito em: 10/06/2026

Publicado em: 18/06/2026

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as contribuições do filme WALL-E (2008) para a promoção da Educação Ambiental, identificando as mensagens e reflexões que suscitam sobre a sociedade de consumo e a sustentabilidade. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, que utiliza a análise de conteúdo como procedimento analítico, a partir da definição prévia das seguintes categorias temáticas: consumismo, manejo e disposição irregular dos resíduos sólidos, falta de gestão ambiental e implicações para a saúde pública. As cenas do filme foram selecionadas, classificadas e interpretadas à luz de autores que discutem a crise socioambiental sob uma perspectiva crítica, considerando suas dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais. Os

¹ Instituto Federal de Sergipe.

² Instituto Federal de Sergipe.

resultados evidenciam que WALL-E (2008) constrói uma crítica contundente ao modelo hegemônico de produção e consumo, associando o consumismo à geração excessiva de resíduos, à ausência de políticas públicas eficazes de gestão ambiental e à deterioração das condições de saúde e qualidade de vida humana. Além disso, a obra revela processos de alienação, dependência tecnológica e fragilização da autonomia dos sujeitos, reforçando a necessidade de uma educação ambiental comprometida com a formação crítica e emancipatória. Conclui-se que o filme apresenta elevado potencial educativo, constituindo-se como um importante mediador pedagógico para o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental voltadas à problematização da crise socioambiental e à construção de uma consciência ética, política e transformadora.

Palavras-chave: Cinema; consumismo; educação ambiental; resíduos sólidos; sustentabilidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the contributions of the film WALL-E (2008) to the promotion of Environmental Education, identifying the messages and reflections it raises regarding consumer society and sustainability. Methodologically, this is a qualitative research study of an interpretative nature, which employs content analysis as its analytical procedure, based on the prior definition of the following thematic categories: consumerism, management and improper disposal of solid waste, lack of environmental management, and implications for public health. The film scenes were selected, classified, and interpreted in light of authors who discuss the socio-environmental crisis from a critical perspective, considering its social, political, economic, and cultural dimensions. The results show that WALL-E (2008) constructs a strong critique of the hegemonic model of production and consumption, associating consumerism with excessive waste generation, the absence of effective public environmental management policies, and the deterioration of human health conditions and quality of life. Furthermore, the work reveals processes of alienation, technological dependence, and weakening of individual autonomy, reinforcing the need for an environmental education committed to critical and emancipatory formation. It is concluded that the film presents high educational potential, constituting an important pedagogical mediator for the development of Environmental Education practices aimed at problematizing the socio-environmental crisis and fostering an ethical, political, and transformative awareness.

Keywords: Cinema; consumerism; environmental education; solid waste; sustainability.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar las contribuciones de la película WALL-E (2008) para la promoción de la Educación Ambiental, identificando los mensajes y reflexiones que suscita acerca de la sociedad de consumo y la sostenibilidad.



Metodológicamente, se trata de una investigación con enfoque cualitativo, de naturaleza interpretativa, que utiliza el análisis de contenido como procedimiento analítico, a partir de la definición previa de las siguientes categorías temáticas: consumismo, manejo y disposición irregular de los residuos sólidos, falta de gestión ambiental e implicaciones para la salud pública. Las escenas de la película fueron seleccionadas, clasificadas e interpretadas a la luz de autores que discuten la crisis socioambiental desde una perspectiva crítica, considerando sus dimensiones sociales, políticas, económicas y culturales. Los resultados evidencian que WALL-E (2008) construye una crítica contundente al modelo hegemónico de producción y consumo, asociando el consumismo con la generación excesiva de residuos, la ausencia de políticas públicas eficaces de gestión ambiental y el deterioro de las condiciones de salud y calidad de vida humana. Además, la obra revela procesos de alienación, dependencia tecnológica y fragilización de la autonomía de los sujetos, reforzando la necesidad de una educación ambiental comprometida con la formación crítica y emancipadora. Se concluye que la película presenta un elevado potencial educativo, constituyéndose como un importante mediador pedagógico para el desarrollo de prácticas de Educación Ambiental orientadas a la problematización de la crisis socioambiental y a la construcción de una conciencia ética, política y transformadora.

Palabras clave: Cine; consumismo; educación ambiental; residuos sólidos; sostenibilidad.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental configura-se como um campo essencial para o desenvolvimento da consciência crítica e da responsabilidade socioambiental, buscando promover transformações nas formas de pensar e agir em relação ao meio ambiente. Em um mundo marcado pelo avanço tecnológico, pelo consumo desenfreado e pela degradação dos ecossistemas, é cada vez mais urgente repensar o modelo de desenvolvimento que rege as relações humanas com a natureza (Almeida, 2010).

Os impactos ambientais decorrentes do descarte inadequado de resíduos, do uso excessivo dos recursos naturais e da poluição crescente demonstram a necessidade de uma (re) educação ambiental, que vá além da transmissão de conteúdos e alcance a formação ética, crítica e cidadã.



O cinema tem se consolidado como uma poderosa ferramenta de formação de valores e sensibilização social, oferecendo narrativas que permitem refletir sobre questões ambientais e socioeconômicas. Nessa perspectiva, o filme WALL-E (2008) apresenta uma visão crítica do impacto do consumismo e da degradação ambiental, ilustrando, de forma simbólica, os desafios enfrentados pelo planeta diante da produção excessiva de resíduos sólidos e do esgotamento de recursos naturais.

O cinema, enquanto linguagem artística e veículo de comunicação de massa, tem o poder de alcançar diferentes públicos, provocar emoções e suscitar reflexões sobre temas complexos. Segundo Correia (2011), a arte cinematográfica permite uma aproximação simbólica e emocional com as problemáticas contemporâneas, tornando-se um recurso educativo potente na construção de valores e atitudes sustentáveis.

Quando aplicado à Educação Ambiental, o cinema contribui para o debate sobre o papel do ser humano frente à crise ecológica e para a compreensão das dimensões sociais, políticas e culturais que envolvem o meio ambiente.

O objeto de análise desta pesquisa é o filme WALL-E, lançado em 2008, uma produção de animação em longa-metragem dos Estados Unidos, com duração aproximada de 97 minutos. Dirigido por Andrew Stanton, o filme foi produzido por Jim Morris, com roteiro assinado por Andrew Stanton e Jim Reardon, a partir de uma história concebida por Stanton em parceria com Pete Docter. A obra foi desenvolvida pelo estúdio Pixar Animation Studios e distribuída pela Walt Disney Pictures. A trilha sonora original é de autoria de Thomas Newman, enquanto a direção de fotografia ficou a cargo de Jeremy Lasky e Danielle Feinberg, e a edição foi realizada por Stephen Schaffer. No que se refere ao elenco de vozes, destacam-se Ben Burtt, que dá voz ao personagem WALL-E, Elissa Knight, como EVE, e Jeff Garlin, no papel do Capitão, além da participação de outros atores como Fred Willard e Sigourney Weaver (Wall-E, 2008). Classificado como animação, aventura e ficção científica, o filme alcançou ampla repercussão

internacional, tanto pelo sucesso de bilheteria quanto pelo reconhecimento crítico, tendo recebido, entre outras premiações, o Oscar de Melhor Animação em 2009.

Nesse contexto, o filme WALL-E (2008), destaca-se por sua abordagem sensível e crítica sobre o impacto das ações humanas no planeta. Ambientado em um futuro distópico, o enredo apresenta uma Terra coberta por resíduos sólidos, popularmente chamados de lixo, onde a vida se tornou insustentável devido à exploração dos recursos naturais e ao consumismo desenfreado.

O consumismo desenfreado tem se tornado um dos maiores desafios socioambientais da atualidade, impulsionado pela lógica de produção e descarte rápido característica da sociedade contemporânea. O estímulo constante ao consumo cria uma cultura de excessos e desperdício, que ultrapassa a capacidade do planeta de regenerar seus recursos naturais. De acordo com Lima (2015), o consumo inconsciente contribui para o aumento da geração de resíduos e intensifica os impactos da exploração ambiental, afetando diretamente a qualidade de vida e o equilíbrio ecológico.

A má gestão dos resíduos sólidos agrava ainda mais esse cenário. Segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12.305/2010 (Brasil, 2010), a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos deve envolver o poder público, o setor empresarial e os consumidores. No entanto, a disposição irregular do lixo e a ausência de políticas eficazes de reciclagem e reutilização dificultam o cumprimento dessas diretrizes. Essa negligência gera consequências severas, como a contaminação do solo e da água, além do aumento de vetores de doenças.

Os impactos da falta de gestão ambiental adequada refletem-se tanto no meio ambiente quanto na saúde pública. A acumulação de resíduos em locais impróprios provoca poluição, emissão de gases tóxicos e comprometimento da biodiversidade. Além disso, a degradação ambiental intensifica as mudanças climáticas e as desigualdades sociais, afetando principalmente as populações mais vulneráveis (Silva, 2018). Assim, torna-se indispensável repensar os hábitos de

consumo e adotar práticas sustentáveis que favoreçam a preservação ambiental e a qualidade de vida coletiva.

A análise crítica de WALL-E (2008) justifica-se pela possibilidade de compreender como produções culturais podem transmitir valores e representações ambientais de forma acessível e impactante. Além de estimular a reflexão sobre desafios socioambientais contemporâneos, o filme oferece subsídios para sua utilização como recurso pedagógico, permitindo que educadores incorporem elementos da obra em práticas educativas voltadas à formação de uma consciência socioambiental. Dessa forma, o estudo do filme contribui para ampliar o repertório de estratégias da Educação Ambiental, fortalecendo a articulação entre cultura, aprendizagem e sustentabilidade.

Ao analisar o filme WALL-E (2008) sob a perspectiva da Educação Ambiental, este estudo contribui para ampliar o debate sobre o uso de produções audiovisuais como instrumentos pedagógicos capazes de promover reflexões críticas acerca da sociedade de consumo, da degradação ambiental e da necessidade urgente de enfrentamento da crise socioambiental em curso. Além de subsidiar práticas educativas inovadoras, a pesquisa reforça a importância de abordagens interdisciplinares na Educação Ambiental, favorecendo processos de ensino-aprendizagem que articulem razão, emoção e responsabilidade socioambiental. Desse modo, o estudo oferece subsídios teóricos e metodológicos para professores e pesquisadores interessados em explorar o potencial formativo das narrativas cinematográficas no contexto educacional.

Diante dos desafios socioambientais contemporâneos, já aqui problematizados, e da necessidade de promover práticas educativas que estimulem a reflexão crítica e que enfrentem o modelo de desenvolvimento vigente, o cinema surge como uma importante ferramenta formativa. Nesse sentido, este estudo se centra na seguinte questão de pesquisa: De que modo o filme WALL-E (2008) contribui para a promoção da Educação Ambiental, a partir

das mensagens e reflexões que suscita sobre a sociedade de consumo e a sustentabilidade?

Com base nessa problemática, o presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições do filme WALL-E (2008) para a promoção da Educação Ambiental, identificando as mensagens e reflexões que suscitam sobre a sociedade de consumo e a sustentabilidade. Busca-se, com isso, compreender de que maneira a narrativa cinematográfica pode favorecer processos de sensibilização e formação crítica, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência ambiental voltada à transformação social.

2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO LENTE DE LEITURA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A Educação Ambiental é um campo de conhecimento e intervenção social que se constitui como um processo contínuo e interdisciplinar. Seu desenvolvimento histórico é marcado por marcos internacionais essenciais. A Carta de Belgrado (1975), ao definir as metas, e a Conferência de Tbilissi (1977), que estabeleceu as metodologias, firmaram os objetivos fundamentais da área, que incluem a conscientização, a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de atitudes, habilidades e a aptidão para a participação e avaliação, visando favorecer uma relação equilibrada entre o ser humano e o meio ambiente. Reigota (2012) enfatiza que a Educação Ambiental transcende a simples transmissão de conteúdos sobre ecologia, configurando-se como uma prática política e transformadora, comprometida com a emancipação social e a sustentabilidade.

Segundo Dias (2015), a Educação Ambiental deve promover a compreensão da complexidade das relações entre sociedade e natureza, considerando os aspectos econômicos, culturais e políticos envolvidos nas problemáticas ambientais. Essa abordagem incentiva o pensamento crítico e a ação consciente em prol da coletividade. Jacobi (2005) então complementa que a efetividade da



Educação Ambiental reside em sua capacidade de promover uma cidadania ambiental, articulando a conscientização com a participação ativa social na resolução de problemas socioambientais locais.

Os desafios contemporâneos da área, contudo, exigem o trânsito da interdisciplinaridade para a transdisciplinaridade. Conforme postula Morin (2000), a transdisciplinaridade implica a superação das fronteiras disciplinares, buscando um conhecimento capaz de ligar as partes ao todo e o todo às partes, essencial para abordar a complexidade sistêmica das questões ambientais do planeta. A Educação Ambiental transdisciplinar, portanto, não apenas ensina sobre o ambiente, mas questiona as estruturas do saber que produziram a fragmentação da vida e do conhecimento.

A dimensão crítica e transformadora da Educação Ambiental, abordada por Loureiro (2019), encontra forte reverberação na pedagogia de Paulo Freire. Para Freire (2002), a educação é um ato de conhecimento e denúncia, pautado pelo diálogo. Nesse sentido, a Educação Ambiental deve ser libertadora, promovendo a reflexão-ação, ou seja, a práxis, sobre as causas estruturais da crise socioambiental e não apenas sobre seus sintomas. A crítica ao modelo desenvolvimentista, portanto, é um pilar da Educação Ambiental crítica, que busca a raiz dos problemas ambientais na estrutura econômica e política (Guimarães, 2014).

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) reforça a importância de integrar a Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino, de forma contínua e transversal (Brasil, 1999). Segundo Loureiro (2019), essa política expressa a necessidade de uma educação comprometida com a ética do cuidado, a cidadania planetária e a transformação social, em oposição ao modelo de desenvolvimento predatório vigente.

Dessa forma, a Educação Ambiental propõe uma nova racionalidade, que busca superar o paradigma antropocêntrico e tecnocrático, promovendo uma cultura de respeito, solidariedade e corresponsabilidade em relação à natureza. A



necessidade de uma nova racionalidade ética e política, promovida pela Educação Ambiental, torna-se urgente ao analisarmos a crise civilizatória marcada pelo consumo desenfreado. A sociedade contemporânea é estruturada por um modelo econômico que estimula o consumo constante, rápido e a substituição acelerada dos produtos. Bauman (2008, p. 45) afirma que “a lógica do consumo se baseia na substituição contínua, na efemeridade e na insatisfação permanente”.

Essa lógica de consumo desenfreado, sustentada pela obsolescência programada e pela percepção de que o produto precisa ser descartado rapidamente, transforma o consumo em um valor social (Bauman, 2008), o que é visualmente materializado na Terra abandonada de WALL-E e na dependência patológica da tecnologia entre os passageiros da nave *Axiom*. A crítica a esse modelo estende-se à esfera psicológica: Han (2015) argumenta que a sociedade atual transformou o indivíduo em seu próprio explorador, onde a pressão pelo desempenho e pelo consumo de experiências leva à Sociedade do Cansaço, impedindo o ócio e a reflexão crítica, essenciais para o despertar da consciência ambiental.

Dito isso, observa-se como o poder corporativo pode conduzir ao colapso planetário por meio da promoção do consumo extremo e irresponsável, sem internalizar os custos ambientais decorrentes de suas práticas. Esse fenômeno é conhecido na economia ambiental como Externalidades Ambientais, em que os custos da poluição e do esgotamento dos recursos naturais são transferidos das empresas para a sociedade e para o meio ambiente. O consumismo desenfreado, por sua vez, representa um sintoma do sistema capitalista que, segundo Santos (2016), reforça a ideia de um progresso ilimitado, ignorando os limites ecológicos do planeta.

Leff (2010) aponta que a crise ambiental contemporânea é também uma crise civilizatória, pois reflete a hegemonia da racionalidade econômica que subordina todas as formas de vida à lógica do mercado, transformando a natureza em mercadoria e reduzindo-a a um recurso a ser explorado. Essa visão de mundo



é severamente criticada por pensadores como Krenak (2019), que questiona o próprio conceito de humanidade universal e homogênea, que se autoriza a consumir o planeta até o esgotamento. Para Krenak (2019), a crise é reflexo de uma sociedade que se descola da Terra e se orienta pela lógica do capital, exigindo um repensar radical sobre o lugar do ser humano no cosmos. Nesse contexto, a Educação Ambiental assume um papel essencial na desconstrução da cultura do consumo e do descarte, incentivando a reflexão sobre hábitos de vida mais sustentáveis e a valorização do reaproveitamento.

A consequência direta e mais visível desse padrão de consumo desenfreado e obsolescência é o aumento exponencial da geração de resíduos sólidos. O volume crescente de lixo, impulsionado pela cultura do descarte rápido, representa um desafio logístico e ambiental de proporções globais. A PNRS estabelece princípios e diretrizes para o manejo sustentável, com uma rigorosa hierarquia de gestão que prioriza, nesta ordem: a não geração, a redução, a reutilização, a reciclagem e o tratamento adequado, tendo como pilar a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos (Brasil, 2010).

O filme WALL-E (2008) apresenta o resultado catastrófico da falha na aplicação desses princípios, onde o planeta se tornou uma paisagem distópica e completamente coberta por megaestruturas de lixo. Esta paisagem é a síntese do fracasso do modelo de Economia Linear (extrair, produzir, usar, descartar) em que a totalidade dos produtos se torna lixo. Essa imagem reforça a tese de Almeida (2010) de que a política de resíduos, incluindo a logística reversa, falha quando não há consciência coletiva e participação ativa do consumidor.

Desse modo, o manejo inadequado dos resíduos é um dos grandes problemas do Brasil. É fundamental diferenciar o Aterro Sanitário, que é uma obra de engenharia projetada para o descarte de rejeitos de forma controlada e segura, do Lixão, que é uma forma rudimentar e ilegal de disposição que causa grave contaminação do solo, água e ar. A paisagem da Terra no filme, embora visualmente grandiosa, assemelha-se à lógica descontrolada dos lixões, onde o

volume e o risco se tornaram insustentáveis. Isso demonstra que o descarte é a consequência direta de um padrão de consumo incompatível com os limites planetários. Alternativas como a Economia Circular ou o conceito Do Berço ao Berço (*Cradle to Cradle*), que propõem que todos os resíduos sejam nutrientes para novos ciclos produtivos, representam o oposto da realidade retratada no filme. A meta da Geração Zero de Resíduos (*Zero Waste*) é um movimento que busca reestruturar os padrões de consumo e produção para que o lixo seja praticamente eliminado.

Dessa maneira, além dos aspectos ambientais, o problema dos resíduos também revela e intensifica desigualdades sociais. Segundo Silva (2018), comunidades de baixa renda e, especificamente, os catadores de materiais recicláveis, sofrem de forma desproporcional com a disposição inadequada de resíduos, convivendo com lixões e condições insalubres. Essa realidade evidencia que a questão do lixo é também uma questão de justiça ambiental, na medida em que o direito a um ambiente equilibrado e seguro deve ser assegurado a todos os cidadãos. A Justiça Ambiental postula que o ônus ambiental não deve recair desproporcionalmente sobre grupos marginalizados (Acserald, 2004).

Para enfrentar os desafios impostos pela crise de resíduos e pela lógica extrativista, o conceito de sustentabilidade tem se consolidado como a principal resposta, exigindo um pensamento sistêmico. Sachs (2009) define a sustentabilidade como um projeto ético e político que busca integrar crescimento econômico, justiça social e equilíbrio ecológico. Capra (2002) argumenta que a crise ecológica é, primariamente, uma crise de percepção, e que a sustentabilidade é inatingível sem a mudança da matriz mental que nos levou à crise, isto é, sem um pensamento sistêmico que reconheça a interdependência dos sistemas. A superação da crise socioambiental exige o desenvolvimento da Ética do Cuidado, popularizada por Boff (2020), que propõe que o ser humano se reconheça como parte da natureza. Essa ética se baseia na responsabilidade, na solidariedade e no profundo respeito pela dignidade de todos os seres vivos.

O cuidado é também um princípio fundamental da Carta da Terra (2000), um documento ético global que propõe uma base para sociedades justas, sustentáveis e pacíficas. Pedagogicamente, esse paradigma se alinha à Ecopedagogia, definida por Gadotti (2000) como a corrente que busca educar a partir do princípio da sustentabilidade, pensando o planeta como uma Casa Comum a ser cuidada. A Ecopedagogia propõe a formação de sujeitos ecológicos, capazes de desenvolver a consciência da interdependência e a aptidão para a ação transformadora. Sobre essa transformação necessária, Gadotti (2000, p. 15) argumenta que:

A Ecopedagogia parte do princípio de que é preciso cuidar do planeta, nossa Casa Comum, o que implica uma nova ética e um novo paradigma de civilização. Não se trata apenas de 'salvar' o meio ambiente, mas de reinventar o modo de vida humano em inter-relação com a natureza, em uma perspectiva planetária (Gadotti, 2000, p. 15, grifo nosso).

A Educação Ambiental encontra-se nas obras de arte e na mídia, como o filme WALL-E (2008), uma poderosa ferramenta pedagógica. Ao representar a distopia ecológica de forma vívida, o filme funciona como um catalisador de reflexão, permitindo que o público visualize as consequências extremas do modelo de consumo atual. Essa abordagem utiliza a alfabetização midiática para desenvolver o pensamento crítico sobre a representação da crise ambiental (Costa, 2021). A transformação dos hábitos de consumo, a redução da geração de resíduos e o fortalecimento de valores éticos e solidários são os pilares educacionais fundamentais para alcançar uma sociedade sustentável. A Educação Ambiental, neste sentido, deve ser o motor para a construção de uma Justiça Climática, entendida como a percepção de que as mudanças climáticas e a degradação ambiental afetam de maneira desigual as populações, exigindo soluções que promovam a equidade global (Robinson, 2018).

Em suma, a articulação entre a Educação Ambiental crítica, o modelo de consumismo predatório e a gestão de resíduos sólidos sob o prisma do imperativo da sustentabilidade é essencial para compreender e enfrentar a crise socioambiental contemporânea, marcada pelo Antropoceno. O consumismo e a

cultura do descarte, magnificados na narrativa de WALL-E (2008), intensificam os impactos sobre o meio ambiente e as desigualdades sociais, exigindo uma mudança urgente de valores e atitudes.

3 DA TELA À ANÁLISE: O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por se tratar da análise interpretativa de um filme enquanto objeto educativo. Trata-se de um estudo bibliográfico e a técnica de análise de dados será a análise de conteúdo audiovisual, centrado no filme WALL-E (2008). O corpus da investigação é composto pelo filme em sua totalidade. Essa abordagem possibilita examinar elementos explícitos e implícitos da narrativa, compreendendo como símbolos, personagens e cenários comunicam valores socioambientais.

A abordagem qualitativa caracteriza-se pela busca de compreensão aprofundada de fenômenos, considerando seus significados e contextos. De acordo com Almeida (2010), esse tipo de pesquisa permite interpretar aspectos subjetivos e simbólicos das práticas humanas, sendo adequada para investigações voltadas à sensibilização e à educação ambiental.

A pesquisa bibliográfica fundamenta-se na análise de produções científicas e teóricas já publicadas, permitindo a construção de um embasamento sólido para o estudo. Conforme Loureiro (2012), essa etapa é essencial para situar o pesquisador no campo da Educação Ambiental e compreender os diferentes enfoques e abordagens existentes sobre o tema.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), constitui-se como um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens, que visam à interpretação dos sentidos produzidos em comunicações orais, escritas ou audiovisuais. Essa técnica foi empregada para identificar as categorias temáticas do filme WALL-E (2008) e compreender como sua narrativa contribui

para a reflexão sobre consumo, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental.

O procedimento analítico foi estruturado em três etapas complementares. Na análise prévia, o filme foi assistido múltiplas vezes, com o objetivo de identificar cenas-chave que retratam problemas ambientais, como acúmulo de resíduos sólidos, consumismo desenfreado, degradação ambiental, impactos da tecnologia e efeitos da vida sedentária da sociedade humana. Essa etapa permitiu uma imersão no conteúdo audiovisual, garantindo uma visão ampla do contexto ambiental apresentado e das relações entre os elementos narrativos e suas implicações pedagógicas.

Na segunda etapa, foi feita a exploração do material, onde as cenas selecionadas foram categorizadas de acordo com os problemas ambientais identificados. Essa classificação seguiu critérios temáticos que relacionam o conteúdo do filme com conceitos de Educação Ambiental, facilitando a organização das informações e permitindo que os elementos visuais e narrativos fossem interpretados de maneira sistemática.

Foram considerados fatores como a intensidade da representação ambiental, a frequência das situações problemáticas e a presença de soluções ou alternativas propostas pelo enredo, que podem ser utilizadas como recurso pedagógico.

As cenas do filme WALL-E (2008) foram então organizadas em quatro categorias temáticas previamente definidas: (1) consumismo, (2) manejo e disposição irregular dos resíduos sólidos, (3) falta de gestão ambiental e (4) saúde pública. Essa classificação permitiu identificar as principais mensagens ambientais abordadas na narrativa, destacando criticamente o consumo excessivo, o descarte inadequado de resíduos, a ausência de políticas de preservação e os impactos do desequilíbrio ambiental na qualidade de vida humana.

A terceira etapa, tratamento dos resultados, consistiu na interpretação das cenas à luz da literatura científica sobre Educação Ambiental, estabelecendo

conexões entre as mensagens do filme e a literatura que nos fundamenta. Essa análise permitiu identificar como o filme contribui para a sensibilização ambiental, a promoção da reflexão crítica e a compreensão dos impactos socioambientais do consumo e da degradação do planeta.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou uma análise abrangente e sistemática do filme WALL-E (2008), integrando observação crítica, categorização temática e interpretação fundamentada na literatura científica. Esse procedimento permite não apenas compreender as mensagens ambientais transmitidas pelo filme, mas também avaliar seu potencial pedagógico, oferecendo subsídios para a utilização de obras cinematográficas como ferramenta educativa na construção da consciência socioambiental.

4 LUZES, CÂMERAS E REFLEXÕES: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM CENA

O filme WALL-E (2008) apresenta, desde suas cenas iniciais, um cenário de profunda degradação ambiental, no qual a Terra surge árida, coberta por enormes estruturas de lixo compactado, com presença constante de poeira e uma atmosfera acinzentada que transmite a ausência total de vida humana. Nesse contexto, o robô WALL-E (*Waste Allocation Load Lifter – Earth-Class*) realiza de forma repetitiva a tarefa de compactação de resíduos sólidos, recolhendo detritos, prensando-os em cubos e empilhando-os de maneira metódica, formando estruturas que se assemelham a edifícios, conforme a figura 1. Um elemento central dessas cenas é o contraste entre a mecanização do trabalho e os gestos de sensibilidade do robô, que seleciona e guarda objetos considerados inúteis, como um isqueiro, uma fita cassete e um talher, construindo uma espécie de arquivo material que remete a práticas de curadoria, museologia informal e preservação simbólica da memória.

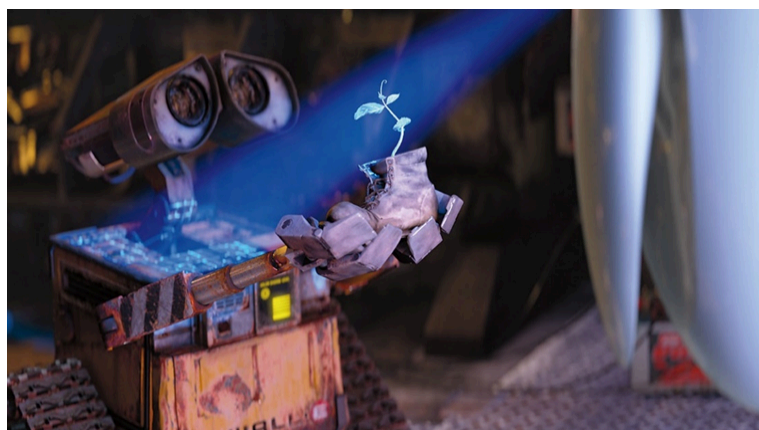
Figura 1- WALL-E nos montantes de resíduos



Fonte: WALL-E (2008)

Durante o desenvolvimento da narrativa, WALL-E encontra uma pequena planta viva brotando em meio ao lixo, em uma sequência marcada pela ênfase visual, pelo uso do silêncio e pelo foco na fragilidade do broto em oposição à paisagem devastada, conforme figura 2. Ao decidir protegê-la, acondicionando-a em um sapato e armazenando-a cuidadosamente, o robô rompe com sua lógica puramente funcional, inaugurando simbolicamente a ideia de regeneração ambiental e o surgimento de uma forma incipiente de consciência ecológica. Em seguida, a chegada da sonda robótica EVE rompe o silêncio do planeta, sendo marcada por ruídos tecnológicos intensos, iluminação azulada e movimentos rápidos, em contraste com a mecânica lenta de WALL-E. EVE realiza varreduras sistemáticas em busca de sinais de vida vegetal e, ao encontrar a planta, entra automaticamente em modo de contenção e desativação, evidenciando uma lógica automatizada de vigilância, protocolo e controle institucional exercido pela corporação Buy N Large (BNL), responsável pelo destino da humanidade.

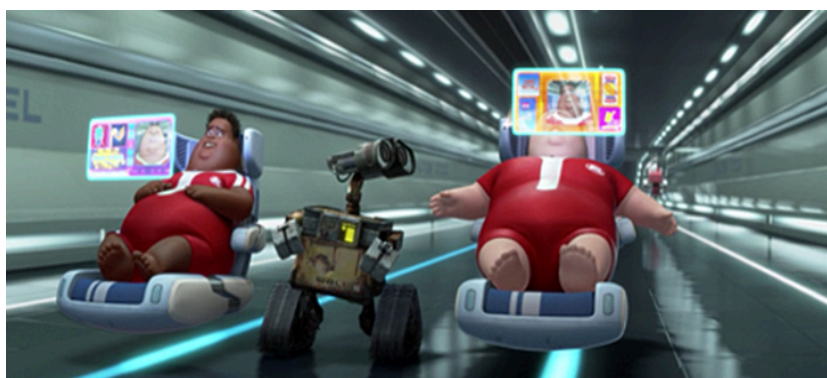
Figura 2- A planta encontrada



Fonte: WALL-E (2008)

A narrativa desloca-se então para o interior da nave *Axiom*, onde os humanos vivem há séculos em um ambiente completamente artificializado. As cenas revelam indivíduos com mobilidade reduzida, dependentes de cadeiras flutuantes automatizadas e constantemente conectados a telas que exibem anúncios, entretenimento e produtos personalizados. O ambiente é caracterizado por uma estética limpa, branca e hipertecnológica, em contraste radical com a Terra suja e caótica. As interações humanas são mediadas quase exclusivamente por dispositivos digitais, sem contato visual ou físico significativo, compondo uma crítica direta ao consumismo, à dependência tecnológica e aos processos de desumanização associados à comodidade extrema, conforme figura 3.

Figura 3 - A sociedade da nave



Fonte: WALL-E (2008)

No núcleo do conflito narrativo, o comandante da nave tenta ativar o protocolo de retorno à Terra ao reconhecer o significado da planta como sinal de vida possível no planeta. Contudo, o sistema automático da nave, denominado AUTO, nega essa possibilidade ao seguir diretrizes programadas séculos antes. O confronto entre o comandante e o sistema assume forte carga simbólica, especialmente nas imagens do esforço físico do líder humano, cujo corpo fragilizado luta para se manter em pé sem auxílio mecânico, transformando o gesto de levantar-se em metáfora visual de resistência contra a lógica automatizada e de recuperação da autonomia humana.

Na sequência final, a nave retorna à Terra e humanos e robôs iniciam o plantio da muda que simboliza a esperança de reconstrução. Embora o ambiente permaneça árido, a mudança na luminosidade do céu e na trilha sonora sinaliza a possibilidade de renovação. O encerramento do filme apresenta imagens altamente simbólicas de seres humanos reaprendendo a caminhar, tocar o solo e cultivar a terra, sem apagar o passado de destruição, mas integrando-o como memória coletiva e advertência histórica. Ao longo de sua construção narrativa, Wall-E articula uma oposição constante entre abandono ambiental e artificialização da vida, formula uma crítica incisiva ao consumismo de massa e à cultura do descarte, problematiza a dependência tecnológica, valoriza a memória material por meio dos objetos preservados pelo protagonista e projeta uma utopia ecológica baseada na reconstrução coletiva e na possibilidade de reconfiguração da relação entre humanidade e natureza.

4.1 Análise e discussão das categorias temáticas

Aqui, procede-se à análise e discussão dos resultados obtidos a partir da leitura crítica do filme Wall-E (2008), organizada segundo as categorias temáticas



previamente definidas: (1) consumismo, (2) manejo e disposição irregular dos resíduos sólidos, (3) falta de gestão ambiental e (4) saúde pública.

A análise orienta-se pelos pressupostos da Educação Ambiental Crítica, que concebe os problemas ambientais não como eventos isolados ou meramente técnicos, mas como expressões de um modelo de desenvolvimento historicamente construído, marcado pela racionalidade econômica dominante, pelo consumismo e pela exploração desigual da natureza e dos grupos sociais (Loureiro, 2019; Leff, 2010). Nessa perspectiva, o filme é compreendido como uma produção cultural capaz de revelar, por meio de sua narrativa simbólica e estética, as contradições estruturais da sociedade de consumo e seus impactos sobre o meio ambiente e a vida humana.

A classificação das cenas do filme em categorias temáticas possibilitou identificar regularidades discursivas e visuais que expressam valores, ideologias e representações sociais relacionadas à crise socioambiental. Conforme Bardin (2011), a categorização constitui uma etapa fundamental da análise de conteúdo, pois permite organizar o material empírico de forma sistemática, favorecendo interpretações ancoradas teoricamente. No caso de Wall-E (2008), as categorias selecionadas emergem como eixos analíticos que articulam o conteúdo fílmico às discussões centrais da Educação Ambiental Crítica, especialmente no que se refere à problematização do consumismo, da cultura do descarte, da ausência de políticas ambientais eficazes e das implicações socioambientais para a saúde coletiva.

A análise que se segue não se limita à descrição das cenas, mas busca interpretá-las criticamente, relacionando os elementos narrativos, visuais e simbólicos do filme com a literatura científica que fundamenta este estudo. Tal abordagem está em consonância com a concepção freireana de educação como prática de reflexão e ação (Freire, 2002), na medida em que propõe a leitura crítica da realidade como condição para a transformação social. Assim, o filme é tomado como um mediador pedagógico que potencializa a problematização da crise

socioambiental, estimulando processos de sensibilização, conscientização e formação crítica.

Desse modo, ao analisar o filme Wall·E (2008) a partir das categorias temáticas estabelecidas, esta subseção busca evidenciar como a narrativa cinematográfica pode contribuir para a compreensão dos desafios socioambientais contemporâneos e para o fortalecimento de práticas educativas comprometidas com a construção de uma consciência ambiental crítica, ética e transformadora.

4.1.1 Consumismo

O consumismo constitui um dos eixos estruturantes da crítica socioambiental desenvolvida pelo filme WALL-E (2008). A narrativa constrói uma representação contundente de uma sociedade organizada a partir da lógica do consumo ilimitado, no qual a aquisição contínua de bens se converte em valor central da existência humana. Essa crítica é materializada, sobretudo, pela atuação da corporação Buy N Large (BNL), cuja presença hegemônica evidencia a fusão entre poder econômico, político e cultural, configurando um cenário de governança corporativa totalizante.

Sob a perspectiva da Educação Ambiental Crítica, o consumismo não é compreendido como resultado de escolhas individuais isoladas, mas como expressão de um modelo civilizatório baseado na racionalidade econômica dominante (Leff, 2010; Loureiro, 2019). O filme explicita essa lógica ao apresentar uma humanidade que abandonou a Terra não por um colapso natural inevitável, mas como consequência direta de um sistema de produção e consumo que ultrapassou os limites ecológicos do planeta. Conforme Bauman (2008), a sociedade de consumidores se sustenta na insatisfação permanente, na obsolescência programada e na substituição contínua, elementos claramente dramatizados na paisagem de resíduos e na vida artificializada da nave *Axiom*.

A Educação Ambiental Crítica, ao problematizar o consumismo, busca desnaturalizar essa lógica, evidenciando suas bases estruturais e ideológicas (Guimarães, 2014). WALL·E (2008) contribui para esse processo ao expor o consumo como mecanismo de alienação e desumanização, no qual os sujeitos perdem a autonomia crítica, tornando-se dependentes de sistemas automatizados que decidem por eles. Assim, o filme opera como um dispositivo pedagógico potente para a problematização do consumo enquanto prática social historicamente construída e ambientalmente insustentável.

4.1.2 Manejo e disposição irregular dos resíduos sólidos

A categoria do manejo e da disposição irregular dos resíduos sólidos é visualmente central na narrativa de WALL·E (2008). A Terra é apresentada como um espaço completamente tomado por grandes estruturas de lixo compactado, configurando uma paisagem distópica que simboliza o colapso do sistema de gestão de resíduos. A repetição mecânica do trabalho do robô Wall-E (recolher, compactar e empilhar resíduos) evidencia a ausência de estratégias estruturais de redução, reutilização ou reciclagem, revelando a falência de uma lógica baseada exclusivamente no descarte.

Do ponto de vista da Educação Ambiental Crítica, essa representação dialoga diretamente com as limitações do modelo de economia linear, caracterizado pelo ciclo extrair–produzir–consumir–descartar (Almeida, 2010). A PNRS ao estabelecer a hierarquia da não geração, redução, reutilização e reciclagem, contrapõe-se à realidade apresentada no filme, na qual tais princípios foram completamente negligenciados (Brasil, 2010). A paisagem da Terra em WALL-E (2008) pode ser interpretada como a materialização extrema da ausência de responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos.

Além disso, a disposição irregular dos resíduos apresentada no filme aproxima-se simbolicamente da lógica dos lixões, caracterizados pela ausência de

controle ambiental e pelo risco permanente à saúde e aos ecossistemas. Essa abordagem permite que o filme seja utilizado pedagogicamente para discutir não apenas técnicas de manejo de resíduos, mas, sobretudo, as raízes políticas e econômicas que sustentam práticas ambientalmente irresponsáveis, em consonância com a perspectiva crítica defendida por Loureiro (2019).

4.1.3 Falta de gestão ambiental

A falta de gestão ambiental constitui uma categoria transversal na análise do filme, manifestando-se tanto na degradação da Terra quanto na organização da vida na nave *Axiom*. O abandono do planeta e a transferência da humanidade para um ambiente artificializado não resultam de um planejamento ambiental responsável, mas de uma estratégia de fuga frente às consequências de um modelo de desenvolvimento predatório. A ausência de políticas ambientais eficazes é simbolizada pela automação total das decisões, delegadas a sistemas tecnológicos que operam segundo protocolos obsoletos e descontextualizados.

Na perspectiva da Educação Ambiental Crítica, a gestão ambiental não pode ser reduzida a procedimentos técnicos ou soluções tecnocráticas, devendo ser compreendida como um processo político, participativo e ético (Jacobi, 2005). Em *WALL-E* (2008), o sistema AUTO representa a racionalidade tecnocrática levada ao extremo, na qual a tomada de decisão é desvinculada da reflexão crítica, do diálogo e da responsabilidade social. O conflito entre o comandante da nave e o sistema automatizado simboliza a disputa entre a autonomia humana e a submissão à lógica instrumental.

Essa ausência de gestão ambiental democrática evidencia o que Leff (2010) denomina crise da racionalidade moderna, na qual a natureza é tratada como recurso e a tecnologia como solução neutra. O filme, ao expor o fracasso desse paradigma, reforça a necessidade de uma gestão ambiental fundamentada em

valores éticos, participação social e reconhecimento dos limites ecológicos, princípios centrais da Educação Ambiental Crítica.

4.1.4 Saúde Pública

A categoria da saúde pública emerge de forma explícita na representação dos corpos humanos na nave *Axiom*. Os indivíduos apresentam mobilidade reduzida, dependência extrema de dispositivos tecnológicos e um estilo de vida sedentário, marcado pela ausência de interação social e de contato com o ambiente natural. Essa condição física e simbólica evidencia a relação indissociável entre degradação ambiental, modelo de consumo e adoecimento humano.

Sob a ótica da Educação Ambiental Crítica, a saúde não pode ser compreendida de forma isolada do contexto socioambiental em que os sujeitos estão inseridos. Conforme Acserald (2004), os impactos ambientais recaem de maneira desigual sobre diferentes grupos sociais, configurando um problema de justiça ambiental. Embora o filme apresente uma humanidade aparentemente homogênea, a perda da autonomia corporal e da capacidade de agir simboliza um adoecimento coletivo produzido por um sistema que prioriza a comodidade e o consumo em detrimento da qualidade de vida.

A recuperação progressiva da capacidade física dos humanos no retorno à Terra representa, simbolicamente, a possibilidade de reconstrução de uma relação saudável entre sociedade e natureza. Essa reconstrução dialoga com a Ética do Cuidado proposta por Boff (2020) e com a noção de práxis freireana (Freire, 2002), na medida em que pressupõe ação consciente, responsabilidade coletiva e transformação social. Assim, WALL·E (2008) contribui para ampliar a compreensão da saúde pública como dimensão inseparável da sustentabilidade e da justiça socioambiental.

4.2 Para além das categorias temáticas: leituras críticas complementares

Embora a análise do filme WALL-E (2008), organizada a partir das categorias de consumismo, resíduos sólidos, gestão ambiental e saúde pública, permita compreender aspectos centrais da crise socioambiental contemporânea, a riqueza simbólica da obra possibilita ainda outras leituras críticas igualmente relevantes para o campo da Educação Ambiental. Como produção cultural complexa, o filme extrapola os limites de uma denúncia ambiental direta, articulando questões relacionadas à tecnologia, ao controle social, à inteligência artificial, à perda da autonomia humana e à construção de subjetividades no contexto da sociedade contemporânea.

Um primeiro eixo adicional de análise refere-se ao uso da tecnologia e da inteligência artificial como mediadores das relações entre humanidade, natureza e poder. Em WALL-E (2008), os sistemas automatizados, representados pelo AUTO e pelos algoritmos que organizam a vida na nave *Axiom*, assumem a função de governar, decidir e normatizar o comportamento humano. Essa configuração remete à crítica da racionalidade tecnocrática, amplamente discutida por Leff (2010), na qual a tecnologia deixa de ser instrumento e passa a operar como instância de controle, desvinculada de critérios éticos, ambientais e sociais.

Sob a perspectiva da Educação Ambiental, a tecnologia não é neutra, mas socialmente produzida e politicamente orientada (Loureiro, 2019). O filme evidencia como a delegação irrestrita de decisões à inteligência artificial resulta na supressão da autonomia humana, no enfraquecimento da participação política e na naturalização de um modelo de desenvolvimento insustentável. A obediência cega aos protocolos programados reflete uma sociedade que renunciou ao pensamento crítico, aspecto que dialoga diretamente com a crítica freireana à educação bancária e à alienação dos sujeitos frente às estruturas de poder (Freire, 2002).

Outro ponto relevante diz respeito à desumanização e à produção de subjetividades passivas. Os corpos humanos na nave *Axiom* são moldados por um

ambiente que elimina o esforço físico, o contato com a natureza e as relações interpessoais significativas. Essa condição pode ser interpretada à luz de Bauman (2008) e Han (2015), que analisam a sociedade contemporânea como marcada pela comodidade extrema, pela dependência tecnológica e pela perda da capacidade reflexiva. No contexto da Educação Ambiental, essa representação reforça a compreensão de que a crise ambiental é também uma crise de sentido, de pertencimento e de vínculo com a Terra.

A relação entre tecnologia e poder corporativo constitui ainda um eixo fundamental dessa análise adicional. A corporação *Buy N Large* (BNL) não apenas produz e comercializa bens, mas organiza a totalidade da vida social, substituindo o Estado, a política e a participação cidadã. Tal representação dialoga com as críticas da Educação Ambiental Crítica ao avanço do neoliberalismo e à mercantilização da vida, na medida em que evidencia como interesses econômicos se sobrepõem ao bem comum e à preservação ambiental.

Por fim, destaca-se a dimensão ética e pedagógica da esperança, simbolizada pela pequena planta e pelo processo de reaprendizagem dos humanos no retorno à Terra. Ainda que o filme apresente um cenário distópico, ele não se encerra na denúncia, mas aponta para a possibilidade de reconstrução coletiva. Essa perspectiva aproxima-se da noção freireana de esperança crítica, entendida não como expectativa ingênua, mas como compromisso ético-político com a transformação da realidade (Freire, 2002).

Dessa forma, ao explorar temas como inteligência artificial, controle tecnológico, poder corporativo, desumanização e ética da esperança, *WALL-E* (2008) amplia significativamente seu potencial formativo. Essas leituras complementares reforçam a compreensão de que a Educação Ambiental, especialmente em sua vertente crítica, deve problematizar não apenas os impactos ambientais visíveis, mas também os processos simbólicos, tecnológicos e políticos que sustentam a crise socioambiental contemporânea. O filme, assim, consolida-se como um recurso pedagógico potente para a formação de sujeitos

críticos, capazes de questionar o uso da tecnologia, os modelos de desenvolvimento e as formas de organização social que moldam a relação entre humanidade e natureza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme WALL-E (2008), realizada a partir das categorias temáticas previamente definidas, evidenciou o potencial da obra cinematográfica como instrumento pedagógico e analítico para a problematização crítica da crise socioambiental contemporânea. Ao articular elementos narrativos, simbólicos e estéticos, o filme constrói uma distopia que não apenas denuncia os impactos ambientais do modelo hegemônico de produção e consumo, mas também explicita suas implicações sociais, políticas, culturais e educativas.

No que se refere ao consumismo, constatou-se que o filme apresenta uma crítica contundente à lógica da obsolescência programada e ao estímulo permanente ao consumo acrítico, elementos centrais do capitalismo contemporâneo. Essa dinâmica, ao ser naturalizada, contribui para a intensificação da degradação ambiental e para a alienação dos sujeitos, corroborando as reflexões da Educação Ambiental Crítica acerca da necessidade de superar abordagens individualizantes e moralizantes, em favor de uma compreensão estrutural dos problemas ambientais.

A categoria manejo e disposição irregular dos resíduos sólidos revelou-se central na narrativa, uma vez que o acúmulo de lixo configura o colapso ambiental da Terra no universo ficcional do filme. Tal representação dialoga diretamente com a realidade de muitas sociedades contemporâneas, nas quais a gestão inadequada dos resíduos reflete desigualdades socioambientais, ausência de políticas públicas eficazes e a priorização de interesses econômicos em detrimento do bem comum. Sob a ótica da Educação Ambiental Crítica, essa problemática

reforça a importância de uma formação que articule conhecimento técnico, consciência política e responsabilidade coletiva.

No tocante à falta de gestão ambiental, o filme evidencia a omissão do poder público e a transferência das responsabilidades ambientais para grandes corporações, como representado pela *Buy N Large*. Essa configuração explicita a captura da gestão ambiental pelos interesses do mercado e a fragilização da governança democrática, aspecto amplamente discutido no campo crítico da Educação Ambiental. A obra, portanto, contribui para a compreensão de que a crise ambiental é inseparável da crise política e institucional, exigindo processos educativos que promovam a participação social, o controle democrático e a justiça ambiental.

A análise da categoria saúde pública permitiu compreender que os impactos ambientais extrapolam o meio físico e incidem diretamente sobre os corpos e modos de vida humanos. No filme, a degradação ambiental e o modelo de vida altamente tecnologizado resultam em corpos adoecidos, sedentários e dependentes de sistemas automatizados. Essa representação reforça a concepção ampliada de saúde, alinhada aos pressupostos da Educação Ambiental Crítica, segundo a qual saúde, ambiente e qualidade de vida são dimensões indissociáveis e socialmente determinadas.

Para além das categorias estabelecidas, as análises adicionais evidenciaram temas como o uso acrítico da tecnologia, a inteligência artificial como mecanismo de controle, a desumanização dos sujeitos e a mercantilização da vida. Esses elementos ampliam o alcance interpretativo do filme e reforçam a necessidade de uma Educação Ambiental comprometida com a formação de sujeitos críticos, capazes de questionar os modelos de desenvolvimento, os usos da tecnologia e as relações de poder que estruturam a sociedade contemporânea.

Por fim, destaca-se que, embora WALL-E (2008) apresente um cenário distópico, a obra não se encerra no pessimismo. A presença da pequena planta e o retorno à Terra simbolizam a possibilidade de reconstrução, aprendizagem e

transformação coletiva. Essa dimensão dialoga diretamente com a perspectiva freireana da esperança crítica, fundamental para a Educação Ambiental, ao apontar que a superação da crise socioambiental depende de processos educativos emancipatórios, éticos e politicamente engajados.

Dessa forma, conclui-se que o filme WALL-E (2008), apesar de ser um filme antigo, constitui um potente recurso pedagógico para a Educação Ambiental, ao possibilitar a articulação entre reflexão teórica, análise crítica da realidade e sensibilização dos sujeitos. Sua utilização em contextos educativos pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma consciência ambiental crítica, comprometida não apenas com a preservação da natureza, mas com a transformação das estruturas sociais, econômicas e culturais que sustentam a crise socioambiental contemporânea.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Justiça ambiental:** ações coletivas e estratégias discursivas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALMEIDA, José R. **Educação ambiental:** da prática educativa à cidadania ecológica. São Paulo: Cortez, 2010.

ALMEIDA, Maria. **Educação ambiental e sensibilização socioambiental.** São Paulo: Editora Acadêmica, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3p1Almeida>. Acesso em: 5 out. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3p1Bardin>. Acesso em: 4 out. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano – compaixão pela Terra. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 ago. 2010.



BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2002.

CORREIA, Lucas. O cinema como recurso pedagógico em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 6, n. 2, p. 45–60, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3p1Correia>. Acesso em: 7 out. 2025.

COSTA, Fábio. Mídia e Educação Ambiental: o potencial pedagógico da narrativa filmica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 260, 2021.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo:** história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3p1Dean>. Acesso em: 6 out. 2025.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental:** princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2015.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental:** princípios e práticas. 7. ed. São Paulo: Gaia, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3p1Dias>. Acesso em: 5 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação do educador ambiental.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.** São Paulo: Cortez, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação ambiental e movimentos sociais:** perspectivas críticas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2019.



LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3p1Loureiro>. Acesso em: 7 out. 2025.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ROBINSON, Mary. **Climate justice**: hope, resilience, and the fight for a sustainable future. New York: Bloomsbury Publishing, 2018.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SILVA, Ana Paula. **Impactos socioambientais e sustentabilidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Produção: Jim Morris. Roteiro: Andrew Stanton; Jim Reardon. Estados Unidos: Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2008. 1 filme (97 min), son., color.

